

Bibliografia comentada sobre as 40 horas de alfabetização de adultos em Angicos

Rosa dos Anjos Oliveira

ARY, Zaira. *Uma experiência de educação popular: Centro de Cultura D. Olegarinha*. [1962]. Trabalho apresentado à Escola de Serviço Social de Pernambuco para obtenção do título de Assistente Social. [1962]. 56 p. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/df/sites/forumeja.org.br.df/files/zairaary.pdf>>

211

Criado em novembro de 1961, o Centro D. Olegarinha foi o primeiro centro de cultura do Projeto de Educação de Adultos, do Movimento de Cultura Popular (MCP), proposto por Paulo Freire. O texto desse projeto constitui-se no Anexo 1 do referido trabalho e não consta ter sido reproduzido em nenhuma outra publicação. A importância desse Centro é por nele ter sido realizada a primeira experiência do Sistema de Alfabetização de Adultos criado por Paulo Freire que, em seguida, seria implantada em Angicos. Na primeira parte, a autora fundamenta a educação democrática e comunitária que deveria ser desenvolvida pelo MCP, em coerência com seus objetivos estatutários, por meio de projetos, entre os quais está o centro de cultura. Neste, o Serviço Social, pelos seus processos de grupo e de organização de comunidade, seria um instrumento eficaz na educação do povo para a vida comunitária. Na segunda parte, descreve as fases de implantação do Centro: 1) estudo da localidade Poço da Panela, histórico e condição econômica dos moradores; 2) planejamento de atividades pautado no projeto de Paulo Freire, que preconizava dar ênfase a clubes (teleclube, de leitura, de pais, de costura etc.) e às necessidades e interesses manifestados pelo povo; 3) execução das atividades, entre elas a primeira experiência de alfabetização de adultos com cinco alunos, dos quais quatro desistiram

por motivos vários, e uma pessoa se alfabetizou em cerca de trinta horas; informa ter havido uma nova turma, em março de 1962, mas sem detalhes; 4) avaliação, apontando as dificuldades enfrentadas e os pontos positivos. Conclui que a atuação dos centros de cultura deveria integrar-se em programas amplos de urbanização ou de reforma agrária, para que possam atingir plenamente seus objetivos.

BRITTO, Jomard Muniz de. Educação de adultos e unificação da cultura. *Estudos Universitários, Revista de Cultura da Universidade do Recife*, n. 4, p. 61-70, abr./jun. 1963. Disponível em: <http://forumeja.org.br/df/sites/forumeja.org.br/df/files/est.univ_.pdf>.

Três situações humanas são apresentadas e relacionadas com a cultura. A primeira é de emergência, na qual a grande luta é pela sobrevivência e a cultura traduz as necessidades vitais primárias, exprimindo-se por uma inteligência concreta e emotiva, manifestando-se mediante uma sabedoria prática, tradicional, cristalizada. Os desafios dessa primeira situação estão sendo enfrentados pelo Movimento de Cultura Popular (MCP), do Recife (PE), e pela campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, de Natal (RN). A segunda situação, definida por um cunho de racionalidade, de espírito crítico, de reconhecimento dos próprios valores, corresponde à cultura que a si mesma se põe como objeto de análise, portanto cultura reflexiva, até hoje realizada por minorias que, ora são fechadas ou abertas, pré-democráticas ou democráticas, dogmáticas ou renovadas. Numa sociedade que se democratiza, as elites culturais tendem a insistir na urgência da “educação de massas”, no sentido da “extensão da cultura” – e a síntese dessas duas tendências se afirma como democratização cultural. Essa segunda situação está sendo enfrentada pelos “cursos livres de extensão” e pelos “cursos de extensão em nível universitário”, mantidos pelo Serviço de Extensão Cultural (SEC), da Universidade do Recife, criado pelo professor Paulo Freire. Na terceira situação, a cultura exprime a capacidade criadora do homem, sua perplexidade no conduzir-se humanamente e sua liberdade de saber e atuar, de intervir e participar. O seu enfrentamento será mediante uma educação integradamente cultural.

212

BROWN, Cynthia. *Literacy in 30 hours: Paulo Freire's process in North East Brazil. [Alfabetização em 30 horas: o processo de Paulo Freire no Nordeste do Brasil]*. Chicago, Ill.: Alternative Schools Network, 1978. 64 p. Disponível em: <<http://homepages.wmich.edu/~jkretovi/edld6980/Literacy%20in%2030%20Hours%20Brown.pdf>>.

Na primeira parte – Alfabetização em 30 horas –, descreve as 10 imagens utilizadas nas discussões sobre cultura e natureza que os coordenadores conduziam para levar os participantes a se conscientizarem sobre sua realidade e a se disporem a agir para modificá-la. Após essa etapa, a alfabetização tem início exibindo-se aos

participantes uma imagem que será criticamente discutida; em seguida, essa imagem é mostrada junto com a palavra que a representa e que foi escolhida no universo vocabular da comunidade. Apresenta quatro listas com as palavras geradoras selecionadas em Cajueiro Seco, uma favela do Recife; em Tiriri, uma colônia agrícola da cidade do Cabo [de Santo Agostinho]; em Maceió, uma cidade à beira-mar; e no Estado do Rio de Janeiro, numa área rural da região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. A primeira palavra de cada lista tem três sílabas, cujas consoantes não se repetem, o que permite combiná-las com as vogais e obter 15 sílabas. Associando as sílabas conhecidas com as outras, logo os participantes formam novas palavras e assimilam a estrutura vocabular em português. O método não previa o uso de livros nem de cartilhas; ao invés, utilizavam-se cartazes, *filmstrips* e *slides*. Oito etapas deviam ser previstas antes do início da atividade de alfabetização e, uma vez acertado o funcionamento do grupo, quatro passos deviam ser seguidos. Na segunda parte – Utilizando as ideias de Paulo Freire – três entrevistas com professores que adaptaram algumas ideias dele aos locais onde trabalharam: Brenda Bay, em East Oakland, e Herbert Kohl, em Berkeley (1974) e no bairro do Harlem, em New York (1976). Na terceira parte – A visão de alfabetização de Paulo Freire em 1977 –, reproduzem-se suas respostas num debate realizado na conferência “Education for change II”, em Chicago, às indagações sobre como suas ideias iniciais foram afetadas pela sua atuação na Guiné-Bissau em 1975.

CARVALHO, Maria Elizete Guimarães; BARBOSA, Maria das Graças da Cruz. Memórias da educação: a alfabetização de jovens e adultos em 40 horas (Angicos/RN, 1963). *Revista HISTEDBR on-line*, Campinas, n. 43, p. 66-77, set. 2011. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/43/>>.

213

As memórias dos participantes da experiência de educação popular desenvolvida no início dos anos de 1960, na cidade de Angicos, no Estado do Rio Grande do Norte, caracterizam-se pelos aspectos de transformação e de conservação, encontrando-se em processo de desaparecimento, tendo em vista o esquecimento, a amnésia e o retraimento que caracterizam o ato de lembrar nos indivíduos e nas sociedades. Considerando essa afirmação, discutem-se as relações entre história e memória, a importância de recolher vivências, vestígios, reminiscências, eventos educacionais, enriquecendo o campo epistemológico da História da Educação. Em Angicos, foram alfabetizados cerca de 300 adultos em 40 horas, utilizando-se práticas educacionais orientadas por Paulo Freire, presentes nas lembranças, nos silêncios e nos esquecimentos dos participantes, que denunciaram a extinção dos vestígios, como a destruição dos espaços onde funcionaram os círculos de cultura.

CARDOSO, Aurenice. Conscientização e alfabetização: uma visão prática do Sistema Paulo Freire. *Estudos Universitários, Revista de Cultura da Universidade do Recife*, n. 4, p. 71-80, abr./jun. 1963. Disponível em: <http://forumeja.org.br/df/sites/forumeja.org.br/df/files/est.univ_.pdf>.

O primeiro contato com a comunidade a ser alfabetizada por meio do Sistema Paulo Freire consiste no levantamento do seu universo vocabular em conversas informais com os moradores. As respostas dadas a certas questões são registradas para se conhecer o nível de conscientização da comunidade sobre seus problemas. Dessas respostas, são escolhidas as palavras usadas nas aulas, tanto pelo grau de dificuldade fonêmica quanto pelo seu significado com relação às condições de vida do grupo. O fundamento filosófico do Sistema está na opção de se trabalhar com o material fornecido pela comunidade a ser alfabetizada. Cada “palavra geradora” é utilizada para retratar uma situação social, colocada em ficha ou *slide* e projetada para o grupo. Com base na imagem projetada, o coordenador/professor propõe o debate e estabelece o diálogo com o grupo, com discussões sobre o conteúdo de cada *slide*, e o conceito de cultura é introduzido antes mesmo de os adultos dominarem a leitura e a escrita. O primeiro *slide* representa o homem confrontando-se com a realidade, de modo a suscitar um debate sobre o mundo que não depende do agir humano (a natureza) e o que é feito pelo homem (a cultura). Debate após debate, os alfabetizandos descobrem que a cultura é uma resposta do homem às suas necessidades vitais de sobrevivência e que a liberdade depende de sua inserção no mundo como sujeito de seu próprio agir.

214

FÁVERO, Osmar. As fichas de cultura do Sistema de Alfabetização Paulo Freire: um “ovo de Colombo”. *Linhas Críticas*, Brasília, DF, v. 18, n. 37, p. 465-483, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/linhascriticas/article/viewFile/8009/6718>>.

No início dos anos de 1960, quando foram criados os movimentos e os centros de cultura popular no Brasil, tanto do lado do grupo marxista, quanto do lado do grupo católico, todos entendiam a cultura como a transformação dialética do mundo natural, previamente dado, em mundo humano, historicamente construído. A incorporação desses conceitos é analisada no âmbito do Movimento de Cultura Popular (MCP), da campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler e do Centro Popular de Cultura. A partir de 1963 era comum a colaboração de estudantes e voluntários em várias frentes, simultaneamente, havendo a troca de experiências entre eles. No sistema de alfabetização proposto por Paulo Freire, o trabalho educativo com adultos, baseado no diálogo, tem início com a discussão sobre o conceito antropológico de cultura, motivada por uma série de dez fichas. A série com desenhos em aquarela, de Francisco Brennand, é reproduzida e comentada.

FERNANDES, Calazans; TERRA, Antônia. *40 horas de esperança: o método Paulo Freire – política e pedagogia na experiência de Angicos*. São Paulo: Ática, 1994. 223 p. Inclui fotos. Resenha disponível em: <http://forumeja.org.br/files/quarentahorasdeesperanca_resenha.pdf>.

A primeira parte, "Revolução no sertão", escrita por Calazans Fernandes, contextualiza as décadas de 1950 e 1960, informando sobre as condições políticas do Brasil, sob a presidência de Juscelino Kubitschek de Oliveira, e dos Estados Unidos sob John Kennedy, que lançou o programa Aliança para o Progresso. Revela a liderança de Aluísio Alves, governador do Estado do Rio Grande do Norte, em estabelecer acordos para obter verbas que permitiram ampliar o acesso de crianças e adolescentes ao ensino primário e realizar a primeira experiência do Sistema Paulo Freire para alfabetização de jovens e adultos na cidade de Angicos. Revela nomes de brasileiros e americanos envolvidos na operação da Aliança para o Progresso na Região Nordeste, considerada um "barril de pólvora" que poderia repetir a recente crise cubana. A segunda parte, "Angicos hora a hora", foi escrita por Antônia Terra com base no diário de Carlos Lyra e em depoimentos e informações sobre a ampliação da experiência nesse Estado durante 1963 e início de 1964.

FREIRE, Paulo. Conscientização e alfabetização: uma nova visão do processo. *Estudos Universitários, Revista de Cultura da Universidade do Recife*, n. 4, p. 5-23, abr./jun. 1963. Disponível em: <http://forumeja.org.br/df/sites/forumeja.org.br/df/files/est.univ_.pdf>.

O autor parte do seguinte ponto de vista: o mundo é uma realidade não apenas objetiva, mas também cognoscível, por isso o homem nela está e com ela se defronta. Porque está *com* essa realidade, na qual se acha, é que se relaciona com ela. A capacidade de apreender a realidade faz do homem um ser predominantemente crítico. Ao distinguir "diferentes esferas existenciais", o homem percebe-se um ser essencialmente histórico. A sociedade modifica-se e a transição de um período histórico para outro, geralmente, é marcada por profundas contradições decorrentes/resultantes do confronto que os valores emergentes, para se afirmarem, travam contra os antigos valores. Tal era essa a situação do Brasil nas décadas de 1950 e 1960, quando o país saía de uma sociedade fechada para uma sociedade aberta. O autor se coloca o desafio de como assegurar que essa transição se faça mediante um processo de "democratização fundamental", isto é, educar as populações tendo em vista torná-las conscientes de seu próprio *status*. O sistema de educação proposto é resultado das atividades desenvolvidas com trabalhadores e camponeses nordestinos, para os quais criou um método de alfabetização que consiste em, primeiramente, tornar os analfabetos conscientes da própria realidade mediante uma discussão informal, porém detalhada, sobre os problemas socioeconômicos que os afetam. Em seguida, tem início o ensino da leitura e da escrita de palavras escolhidas por estarem relacionadas com esses problemas. Por fim, o autor comenta o trabalho realizado pela equipe que coordenou no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, com exemplos das técnicas que permitiram alfabetizar jovens e adultos no tempo recorde de 40 horas.

GADOTTI, Moacir. Alfabetizar e politizar: Angicos, 50 anos depois. *Revista de Informação do Semiárido (RISA)*, Angicos, RN, v. 1, n. 1, Edição Especial, p. 47-67, jan./jun. 2013. <http://periodicos.ufersa.edu.br/revistas/index.php/risa/article/view/3150/pdf_8>.

Momentos históricos da experiência de Paulo Freire em Angicos, em 1963, são recuperados, bem como seus antecedentes e suas repercussões, até a elaboração do Programa Nacional de Alfabetização. A importância que Paulo Freire dava à “politização”, isto é, à formação para a cidadania, destaca-se na sua frase: “Sou educador para ser substantivamente político”. Desde os seus primeiros escritos e na sua práxis político-pedagógica, ele preconizava a necessidade da participação popular na luta contra o analfabetismo. O significado político-pedagógico da experiência de Angicos repercutiu nacional e internacionalmente, sendo considerada não apenas um símbolo da luta contra o analfabetismo, mas um marco em favor da universalização da educação em todos os graus, superando a visão elitista.

GERHARDT, Heinz Peter. Angicos, Rio Grande do Norte, 1962/63: a primeira experiência com o Sistema Paulo Freire. *Educação & Sociedade*, São Paulo, v. 5, n. 14, p. 5-33, 1983. Disponível em: <<http://acervo.paulofreire.org/xmlui/search?fq=dc.contributor.author:%22Gerhardt,+Heinz-Peter%22>>.

216

Os objetivos da aprendizagem foram estabelecidos com base na pesquisa preliminar para a escolha das palavras geradoras e, também, nas reuniões diárias de coordenadores dos círculos de cultura que possibilitaram modificações a curto prazo no conteúdo e no método sugerido. Os fundamentos do método que não chegaram a ser modificados eram: a) as aulas de cultura para motivação e pré-estruturação da experiência à luz de uma determinada concepção; b) a carga metódica na compreensão visual e nas associações dirigidas; c) a prática de se recorrer a temas da vida cotidiana em Angicos. Quanto às associações dirigidas, o coordenador iniciava os debates com perguntas orientadoras e, às vezes, sugestivas, sobre as imagens projetadas. Num segundo momento, as imagens eram mostradas junto com a palavra a que se referiam. Com relação à politização, para os coordenadores não se tratou de fazer aí contestações de natureza histórica, religiosa ou política. Eles se empenharam em partir das reflexões e exteriorizações de opiniões dos educandos, utilizando-as. Na prática, porém, eles ensinavam o povo a se compreender também politicamente como semelhante e a se recusar a ser massa. No âmbito metódico-didático, deve-se reconhecer as contribuições dos analfabetos no aperfeiçoamento do método (palavras “mortas” e de “pensamento”, competições em torno da mais longa palavra, projeção de palavras manuscritas em papel vegetal etc.), prontamente aproveitadas pelos coordenadores e integradas no processo de alfabetização. Se os analfabetos de Angicos realmente chegaram a decifrar o “seu mundo” é questão que permanece em aberto.

GUERRA, Marcos José de Castro. *Sobre a experiência de 40 horas em Angicos (1962) desenvolvida com o Sistema de Alfabetização de Paulo Freire*. Entrevistador: Paolo Vittoria. Natal, dez. 2005. 44'52" Disponível em: <<http://forumaja.org.br/videos.angicos>>.

No início de 1963, era um privilégio estar na universidade pública e gratuita e houve um movimento da União Nacional dos Estudantes (UNE) para que estes, engajando-se em atividades de educação popular, devolvessem à população aquele privilégio. Naquele momento, no Brasil, havia uma discussão nacional sobre mudanças políticas estruturais, como a reforma agrária, a reforma universitária. Analfabeto não votava e, para ampliar a participação do povo nas eleições a alfabetização era desejada por alguns e temida por outros. O contexto político era favorável à implantação de experiências inovadoras e Paulo Freire foi convidado para participar de um programa para alfabetizar 100 mil pessoas no Estado do Rio Grande do Norte com financiamento da Aliança para o Progresso. Os estudantes selecionados para realizar o seu projeto, após os seminários de preparação, logo compreenderam que ninguém pode se alfabetizar com facilidade usando um vocabulário que não é seu e partiram para Angicos, onde fizeram o levantamento do universo vocabular em dezembro de 1962. No mês seguinte, teve início a aplicação do método de Paulo Freire com a discussão do conceito antropológico de cultura. Educar para transformar era um objetivo explícito em toda essa ação. Por que essa experiência foi considerada subversiva? Porque incomodava. Mas a memória histórica tem dois eixos. O mais conhecido é o exílio de Paulo Freire e de muitos participantes de Angicos. O que não é conhecido, que precisa ser feito, é o resgate para transformar Angicos em um centro de referência nacional e, talvez, internacional em pesquisa sobre alfabetização.

217

GUERRA, Marcos José de Castro. As 40 horas de Angicos: vítimas da Guerra Fria? *Revista de Informação do Semiárido (RISA)*, Angicos, RN, v. 1, n. 1, Edição Especial, p. 22- 46, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufersa.edu.br/revistas/index.php/risa/article/view/3149>>.

As 40 horas de Angicos foram realizadas num contexto de transição nacional, marcado por movimentos sociais e políticos, e influenciadas pela Guerra Fria. Apesar de contar com o apoio da Aliança para o Progresso, essa experiência de educação popular foi acusada pelos aliados do Pentágono de fazer parte de uma campanha para implantar o comunismo na América Latina, a partir de Cuba, mascarando assim as reações nacionais que tinham um interesse bem mais concreto e indefensável, tentando manter seus privilégios e negando o direito de voto ao analfabeto. Afora os militares, não existia na época nenhum grupo armado que pudesse atuar na oposição ao presidente João Goulart. A participação direta de Paulo Freire, a convite do governador do Rio Grande do Norte, foi decisiva para o sucesso da experiência inovadora, que apresentou resultados excepcionais, e, ao mesmo tempo, tornou conhecido o seu método de alfabetização. O artigo acentua aspectos operacionais e

práticos, destacando-se da maior parte da literatura sobre Paulo Freire, que se limita a valorizar os aspectos teóricos.

LIMA, Lauro de Oliveira. Método Paulo Freire: processo de aceleração de alfabetização de adultos. In: _____. *Tecnologia, educação e democracia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. [Apêndice]. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/laurobsb.pdf>>.

Após a experiência de alfabetização pelo Sistema Paulo Freire em Angicos, o Ministério da Educação e Cultura patrocinou experiência semelhante em cidades satélites de Brasília. A técnica proposta consiste em fazer a alfabetização decorrer de um processo de substituição de elementos reais por elementos simbólicos: primeiro *figurados* (cartazes), depois *verbalizados oralmente* (discussão), para finalmente chegar à fase de *sinais escritos padronizados* (leitura), sequência inversa à utilizada para as crianças, por isso não se utiliza a cartilha (realidade artificialmente preparada e imposta para ser lida). A implantação da atividade alfabetizadora para adultos inicia-se por uma pesquisa do *universo vocabular* do grupo, o que equivale a identificar as realidades vivenciais da comunidade que será alfabetizada e, desse universo, retira-se o grupo de *palavras geradoras*, tomando-se esta expressão com o duplo sentido de: a) fonte de motivação para as atividades dos *círculos de cultura*; b) elemento multiplicador para a formação de novas palavras no processo mesmo de alfabetização. Afirma que, do ponto de vista técnico, Paulo Freire colocou a alfabetização como um processo de decodificação de uma mensagem codificada, aproveitando os princípios da *teoria da comunicação*. O autor constata no método usado uma boa aplicação da psicogenética, que explica a aprendizagem como o resultado do enfrentamento de uma situação-problema, de uma dificuldade cuja transposição exige a reformulação dos esquemas de ação do indivíduo. Nesse sentido, é a primeira vez que se propõe um método de alfabetização de adultos.

LYRA, Carlos. *As quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação*. São Paulo: Cortez, 1996. 197 p. Fotografias. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/clyra.angicos.pdf>>.

Publicação do diário escrito por um dos coordenadores de círculos de cultura que participou da experiência de alfabetização de adultos pelo Sistema Paulo Freire em Angicos. Inicia-se com a apresentação de Calazans Fernandes, secretário de Educação do Estado do Rio Grande do Norte na época, e a introdução, "Meninos, eu vi", do próprio autor, além de uma nota sobre o nome "Angicos", do jornalista Luiz Lobo. O capítulo 1 descreve os círculos de cultura iniciais, a partir das "fichas de cultura", e a experiência frustrada de aplicação do teste de Inteligência Não Verbal (INV). Os capítulos 2, 3 e 4 apresentam, hora a hora, a exploração das palavras geradoras, as discussões realizadas a partir delas, com depoimentos dos

alfabetizando, anotações sobre a frequência dos alunos e sobre as reuniões de coordenação, além informações sobre o clima, as chuvas e os eventos significativos ocorridos no período e, também, o modelo dos testes de alfabetização e politização aplicados. O capítulo 5 trata do último dia de aula, em 16 de março, e da solenidade de encerramento; também apresenta a relação nominal dos coordenadores dos círculos de cultura e a transcrição dos debates coordenados por Marcos Guerra, com a palavra "chibanca", em 21 de fevereiro, e por Pedro Neves, com a palavra "goleiro", em 14 de fevereiro de 1963. Há cinco anexos: 1) Angicos: um breve histórico; 2) O projeto: esclarecimento da direção executiva do Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte (Secern); 3) A pesquisa e o universo vocabular, contendo a sentenças e as palavras geradoras e o roteiro do questionário inicial aplicado aos inscitos e sua apuração; 4) Médias dos testes de alfabetização e politização; 5) Entrevista de Paulo Freire a Carlos Lyra, no Programa Memória Viva, da TV Universitária do Rio Grande do Norte, em 21 de maio de 1983.

MACIEL, Jarbas. A fundamentação teórica do Sistema Paulo Freire. *Estudos Universitários, Revista de Cultura da Universidade do Recife*, n. 4, p. 25-59, abr./jun. 1963. Disponível em: <http://forumeja.org.br/df/sites/forumeja.org.br/df/files/est.univ_.pdf>.

O Serviço de Extensão Cultural (SEC) da Universidade do Recife (UR), criado em 8 de fevereiro de 1962, com seus cursos de extensão, palestras, publicações e Rádio Universitária, contribuiu para renovar e atualizar a amplitude da extensão universitária no Brasil, apresentada como uma etapa para se alcançar a democratização da cultura. O Sistema de Alfabetização de Adultos, colocado em prática pela equipe do SEC, coordenada por Paulo Freire, era apenas um elo de uma cadeia de etapas do seu recém-formulado Sistema de Educação: 1ª) alfabetização infantil; 2ª) alfabetização de adultos; 3ª) ciclo primário rápido para adultos; 4ª) extensão cultural em níveis popular, secundário, pré-universitário e universitário (fase já em execução pelo SEC, com clientelas da área urbana recifense de nível secundário em diante); 5ª) etapa já esboçada [não há detalhes sobre esse esboço, mas sabe-se ter sido proposto por Paulo Rosas], que desembocaria no Instituto de Ciências do Homem, da UR, com o qual o SEC trabalhará em íntima colaboração; 6ª) etapa também já esboçada, prevendo-se uma intensa transação com os países subdesenvolvidos, desembocaria no Centro de Estudos Internacionais (CEI), da UR. A fundamentação teórica do Sistema valeu-se da Lógica Matemática, da Teoria do Conhecimento, da Teoria da Aprendizagem, da Linguística e da Teoria da Comunicação. Também utilizou um modelo de reflexo condicionado para o processo de aprendizagem do adulto, com base no recente desenvolvimento das teorias de Pavlov. Por fim, um modelo linguístico, fundamentado no axioma da redutibilidade e na teoria dos vocabulários mínimos de Bertrand Russel, para a produção de pequenos manuais sobre legislação do trabalho, economia, sindicalismo, arte popular e outros temas.

MIES, Maria. Paulo Freire's method of education: conscientisation in Latin America. *Economic and Political Weekly*, [Mumbai, India], v. 8, n. 39, p. 1764-1767, Sep. 29, 1973. Disponível em: <<http://www.epw.in/special-articles/paulo-freire-s-method-education-conscientisation-latin-america.html>> .

O termo “conscientização” resume uma abordagem diferente para educar e mobilizar as massas oprimidas colocada em prática na América Latina. Essa abordagem pode ser atribuída ao educador brasileiro Paulo Freire, cujo uso para esse termo implica ação e organização. Os camponeses do Nordeste do Brasil não se satisfizeram em aprender a ler e escrever: eles começaram a estruturar organizações próprias. Foi justamente essa parte do seu método que se mostrou perigosa para a estrutura de poder existente. Paulo Freire estava ciente de que não é possível modificar a estrutura de poder estabelecida simplesmente fazendo com que as pessoas tomassem conhecimento dela. Uma revolução cultural não pode substituir uma revolução política, por isso Freire também considerou que a simples troca de estrutura de poder sem uma revolução cultural, isto é, sem uma tomada de consciência pelas massas, repetiria o velho sistema hierárquico de dominação do homem pelo homem. Por conseguinte, ele pensou que a revolução cultural – a educação para uma “nova sociedade” – deveria começar pela “velha sociedade”, porém essa educação só poderá alcançar seu verdadeiro objetivo se fizer parte de um amplo movimento para a liberdade.

220

MANFREDI, Sílvia Maria. *Política e educação popular; experiências de alfabetização no Brasil com o Método Paulo Freire – 1960/1964*. São Paulo: Símbolo, 1978. 168 p. [2. ed. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1981, 156 p.].

Originalmente dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, aborda a emergência da proposta de educação democrática e de alfabetização de adultos de Paulo Freire. Situa as experiências no Estado do Rio Grande do Norte (município de Angicos e Bairro das Quintas, em Natal), no Estado de São Paulo (no bairro Vila Madalena), e no Distrito Federal (cidades satélites de Brasília). Analisa a ideologia dos agentes que realizaram essas primeiras experiências e finaliza com a apresentação do Programa Nacional de Alfabetização, delas derivado e coordenado por aqueles agentes. Sistematizado em final de 1963 e proposto por decreto da Presidência da República, o Programa pretendia alfabetizar dois milhões de jovens e adultos de 15 a 49 anos. Iniciado nos primeiros meses de 1964, na Baixada Fluminense, região pertencente ao antigo Estado do Rio de Janeiro, foi interrompido imediatamente após o golpe militar de 31 de março desse ano, com apreensão de todo o material que seria utilizado.

PELANDRÉ, Nilcéa Lemos. *Ensinar e aprender com Paulo Freire: 40 horas 40 anos depois*. São Paulo: Cortez, 2002. 237 p.

O livro é resultado de uma pesquisa de doutorado que procurou verificar empiricamente os efeitos do Sistema Paulo Freire a longo prazo. Os alfabetizados remanescentes da experiência de alfabetização de Angicos, realizada em 1963, foram submetidos à Bateria de Testes de Recepção e Produção de Linguagem, elaborada por Leonor Scliar-Cabral, e ampliada pela autora com situações comunicativas de leitura e escrita de textos do dia a dia dos participantes. Além do fator motivação, bastante ressaltado na literatura sobre o Sistema, a experiência realizada em Angicos pode ser considerada de imersão, pois os professores se deslocaram para o local e passaram a conviver com os alunos. As principais conclusões da pesquisa ratificam que as 40 horas de aplicação do Sistema foram suficientes para a apreensão permanente dos princípios básicos do sistema alfabético do português do Brasil para a leitura de textos simples e a escrita de informações curtas. Em relação à competência em escrita, as dificuldades estão relacionadas aos problemas de leitura, isto é, os que leram melhor também escreveram melhor. Os sujeitos de Angicos retiveram os conteúdos aprendidos e guardam lembranças apenas registradas na memória, pois as provas materiais, as apostilas, os cadernos, os bilhetes e cartas foram destruídos para que não fossem presos.

221

PORTO, Maria das Dores [Dorinha] Paiva de Oliveira; LAGE, Iveline Lucena da Costa. A alfabetização de adultos pelo Método Paulo Freire. In: _____. *Ceplar: história de um sonho coletivo – uma experiência de educação popular na Paraíba destruída pelo golpe de estado de 1964*. [João Pessoa]: Conselho Estadual de Educação, Secretaria de Educação e Cultura (SEC), 1995. Capítulo 3. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/df/files/livro.ceplar.pdf>>.

No Estado da Paraíba, o primeiro grupo a ser alfabetizado pelo Sistema Paulo Freire foi de domésticas, em setembro de 1962. Membros da Juventude Operária Católica (JOC) promoviam a sindicalização dessas trabalhadoras e, preocupados com o fato de elas não conseguirem ler as circulares, constituíram um grupo para alfabetizá-las. O êxito da experiência estimulou sua ampliação, embora ainda não existissem recursos específicos para esse fim, e cinco novos núcleos de alfabetização foram implantados para operários. Para esse público, retomou-se o processo de preparação pedagógica das aulas de acordo com as fases do Sistema Paulo Freire, que consistia não só em capacitar para a leitura e a escrita, mas também promover a reflexão sobre a situação econômica e política do Brasil, dentro do contexto da época. Os novos grupos começavam a funcionar, mas a equipe responsável inquietava-se, pois a aprendizagem parecia frágil e, a seu ver, seria rapidamente perdida se não houvesse uma etapa de consolidação. A solução estaria em textos simples, mas ricos em conteúdo, que dariam origem ao livro “Força e Trabalho”.

Essa iniciativa interessou a equipe do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, pois a produção de antologias de textos reduzidos a universos vocabulares limitados faria parte da terceira etapa do Sistema de Educação Paulo Freire. Em 1963, tendo obtido financiamento do MEC para ampliar suas ações, a Ceplar passou a alfabetizar quadros das “ligas camponesas”, fortemente atuantes no Estado. Este foi também um dos motivos de sua violenta extinção e prisão de seus dirigentes, nos primeiros dias de abril de 1964.

WEFFORT, Francisco C. Educação e política: reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da liberdade [Apresentação]. In: FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 1-26. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/eduliber.pdf>>.

As ideias apresentadas por Paulo Freire no livro *Educação como prática da liberdade* nasceram numa época assinalada pela emergência política das classes populares e pela crise das elites dominantes. Do ponto de vista das elites, tratava-se de acomodar as classes populares emergentes, domesticá-las em algum esquema de poder ao gosto das classes dominantes. Na década de 1960, o movimento de conscientização aparece como uma resposta, no plano educacional, à necessidade de uma autêntica mobilização democrática do povo brasileiro. A exclusão dos analfabetos significava que a composição do eleitorado se encontrava distanciada da composição social real do povo. As esquerdas acreditavam e agiam na mobilização das massas, pois as reformas de base reivindicadas necessitavam de pressão popular. Os políticos populistas desse período percebiam o movimento de educação popular como as demais formas de mobilização das massas, ou seja, em termos eleitorais. Mas preparar para a democracia não pode significar apenas preparar para a conversão do analfabeto em eleitor. E o preço dos equívocos foi o golpe militar de 1964. Paulo Freire foi exilado não apenas por suas ideias, mas, principalmente, por empenhar-se em fazer de suas intenções de libertação do homem o sentido essencial de sua prática.

222

Rosa dos Anjos Oliveira, bibliotecária e especialista em Lexicografia e Terminologia pela Universidade de Brasília, é funcionária do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) desde 1985.

rosa.oliveira@inep.gov.br